

Já não se pode defender o Ocidente?¹



João Carlos Espada

Diretor do Instituto de Estudos Políticos da
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

espadajc@gmail.com

*Se não podemos defender a liberdade como valor universal,
e se não podemos defender a liberdade como valor
ocidental, seremos ainda autorizados a defender a
liberdade?*

Em Varsóvia, na quinta-feira passada, Donald Trump **proferiu o melhor discurso** desde o início do seu mandato. Como tem sido observado, foi certamente escrito por detentores de um vocabulário mais vasto do que o habitualmente utilizado pelo actual presidente. E, sobretudo, foi certamente escrito por um ou vários membros do chamado “establishment” republicano contra o qual Donald Trump dirigiu a sua campanha presidencial.

¹ Artigo publicado no jornal **Observador**, Lisboa, 10-07-2017.

“Simplesmente digno de Ronald Reagan”, foi o elogio frequente entre comentadores do centro-direita e vários do centro-esquerda. A surpresa chegaria pouco depois, como José Manuel Fernandes deu conta na edição da passada sexta-feira dos seus excelentes “[Macroscópio](#)” — uma das melhores peças regulares da imprensa nacional e internacional.

Informou-nos ele que inúmeros comentadores associados à esquerda do partido democrático atacaram o discurso de Trump com veemência. E o mais surpreendente foi a razão comum aos ataques: ao defender o Ocidente, escreveram vários analistas, Donald Trump estava a defender um “conceito racial e religioso”, basicamente, segundo eles, “branco e cristão”.

Esta crítica não deve ser menosprezada. No plano das ideias — que é o plano que produz mais consequências — esta crítica exprime o beco sem saída a que a ideologia politicamente correcta conduziu uma boa parte da “intelligentsia” pós-moderna ocidental, sobretudo em muitas (mas felizmente não todas) universidades.

Por um lado, ela contesta a aspiração universal dos valores da liberdade e responsabilidade pessoal que estão no centro das modernas democracias liberais. Quando estes valores são apresentados como universais, os críticos pós-modernos denunciam essa aspiração universal como “imperialista”. Dizem que esse universalismo viola as diferenças entre culturas, proclamando como universais valores que são apenas específicos de uma certa cultura — a ocidental. Esta é a base do chamado “multiculturalismo”.

Por outro lado, quando os mesmos valores da liberdade e responsabilidade pessoal são defendidos como parte distintiva da tradição ocidental, os críticos pós-modernos

dizem que o conceito de “tradição ocidental” esconde um “nativismo racial [branco] e religioso [cristão]”.

Face a este duplo raciocínio pós-moderno, uma pergunta parece inevitável: se não podemos defender a liberdade como valor universal, e se não podemos defender a liberdade como valor ocidental, seremos ainda autorizados a defender a liberdade?

A pergunta não tem mero intuito retórico. O Ocidente é a tradição cultural que por excelência se define com base em valores, não com base em exclusivismos étnicos ou religiosos. É a tradição fundada nos valores da sociedade aberta, usualmente definidos a partir dos pilares pluralistas de Atenas, Roma e Jerusalém. E é a tradição que historicamente se revelou mais aberta a receber pessoas oriundas de outras tradições.

No entanto, esta mesma tradição ocidental é agora impedida de defender os seus valores. Ao mesmo tempo, ela é moralmente obrigada a receber todos os que, vítimas de sociedades em que esses valores não são respeitados, procuram as sociedades abertas que são fruto dos valores ocidentais. Só que estes são os valores que agora não podemos defender — nem como universais, nem como ocidentais!

Felizmente, este paradoxo pós-moderno está a começar a ser denunciado por influentes líderes do centro-esquerda que finalmente decidiram enfrentar a ala radical da sua área política. O exemplo mais relevante foi dado, também na passada quinta-feira, num [artigo no New York Times](#) assinado por dois influentes antigos conselheiros do Presidente Clinton.

Dizem eles, basicamente, que o esquerdismo anti-ocidental custou aos democratas a perda de mil assentos legislativos

estaduais durante os mandatos do Presidente Obama, bem como a perda de controlo de ambas as Câmaras do Congresso. Nenhum desses lugares foi reconquistado nas últimas eleições, recordam os autores. Sintomaticamente, o artigo intitula-se "[Back to the Center, Democrats](#)".

O apelo é bem-vindo e faz todo o sentido. A ideia de um consenso central entre esquerda e direita moderadas presidiu à concorrência civilizada entre elas desde pelo menos o final da II Guerra. Há duas semanas, foi explicitamente em torno da defesa dessa "[Tradição Ocidental da Liberdade sob a Lei](#)" que decorreu a 25ª edição do Estoril Political Forum. Estavam presentes as mais variadas sensibilidades da esquerda e direita moderadas, nacionais e internacionais. Ninguém hesitou em defender o Ocidente. Por isso mesmo, ninguém hesitou em defender a liberdade.

www.ecsbdefesa.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora

